

DoCentes ENTREVISTA

Com o Professor Luiz Leno Silva de Farias
With the teacher Luiz Leno Silva de Farias
Con la profesor Luiz Leno Silva de Farias



RESUMO

A revista Docentes, nesta edição, tem como tema a Diversidade e Inclusão na educação, inaugurando a seção Docentes Entrevista, que tem como objetivo entrevistar educadores com relevante contribuição na construção de uma educação igualitária e equitativa, segundo preceitos elevados do constitucionalismo. Como abertura, o entrevistado será o Professor Luiz Leno Silva de Farias, natural de Realengo, Rio de Janeiro e radicado no Ceará. Formado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Negro de ascendência africana, é Ogan Otun Alagbê, que em sua religião de matriz africana, desempenhando a função de protetor na sua Casa, ajudando os Orisàs no seu zelo. Atuante em sua comunidade, tem desempenhado várias funções, objetivando preservar e difundir a história e cultura africana e afro-brasileira. Membro da Associação Afro-brasileira de Cultura Alagbá, coordenador do Ponto de Cultura Afro Música, coordenador do Ponto de Valor Alagbá, mestre de Batuque de Maracatu Cearense e membro do coletivo cultural de matriz africana Ibilé. Arte Educador em percussão há 24 anos, com vários trabalhos prestados à comunidade educacional. Muito cedo, despertou sua consciência sobre as questões que envolvem o seu coletivo, tornando-se membro atuante do movimento social desde 1994. Na atualidade, na esfera nacional, é coordenador nacional de comunicação cultural da Associação Nacional Cultural de Preservação do Patrimônio Bantu (ACBANTU) Portanto, o professor é um representante autêntico do movimento negro de terreiro, detentor de uma larga experiência na Área de Educação com trabalhos relacionados à diversidade étnico-racial.

Abstract

The DoCentes magazine, in this issue, has as its theme Diversity and Inclusion in education, inaugurating the section DoCentes Interview, which aims to interview educators with a relevant contribution in the construction of an equal and equitable education, according to high precepts of constitutionalism. As an opening, the interviewee will be Professor Luiz Leno Silva de Farias, born in Realengo, Rio de Janeiro and living in Ceará. Graduated in History from the State University of Vale do Acaraú (UVA). Black of African descent, he is Ogan Otun Alagbê, who in his religion of African matrix, playing the role of protector in his House, helping the Orisàs in his zeal. Acting in his community, he has performed several functions, aiming at preserving and diffusing African and Afro-Brazilian history and culture. Member of the Afro-Brazilian Association of Culture Alagbá, coordinator of the Afro Music Culture Point, coordinator of Alagbá Value Point, master of Batuque de Maracatu Cearense and member of the Ibilé African cultural collective. Arte Educator in percussion for 24 years, with several jobs provided to the educational community. Very early on, he raised his awareness of the issues surrounding his collective, becoming an active member of the social movement since 1994. Currently, at the national level, he is national coordinator of cultural communication of the National Cultural Association of Preservation of Bantu Heritage (ACBANTU) Therefore, the teacher is an authentic representative of the black movement of terreiro, holder of a wide experience in the Area of Education with works related to ethnic-racial diversity.

Resumen

La revista DoCEntes, en esta edición, tiene como tema la Diversidad e Inclusión en la educación, inaugurando la sección DoCentes Entrevista, que tiene como objetivo entrevistar a educadores con relevante contribución en la construcción de una educación igualitaria y equitativa, según preceptos elevados del constitucionalismo. Como apertura, el entrevistado será el Profesor Luiz Leno Silva de Farias, natural de Realengo, Río de Janeiro y radicado en Ceará. Formado en Historia por la Universidad Estatal Vale do Acaraú (UVA). El negro de ascendencia africana, es Ogan Otun Alagbê, que en su religión de matriz africana, desempeñando la función de protector en su Casa, ayudando a los Orisàs en su celo. Actuando en su comunidad, ha desempeñado varias funciones, con el objetivo de preservar y difuminar la historia y cultura africana y afro-brasileña. De la Asociación Africana de Cultura Alagbá, coordinador del Punto de Cultura Afro Música, coordinador del Punto de Valor Alagbá, maestro de Batuque de Maracatu Cearense y miembro del colectivo cultural de matriz africana Ibilé. Arte Educador en percusión hace 24 años, con varios trabajos prestados a la comunidad educativa. En la actualidad, en la esfera nacional, es coordinador nacional de comunicación cultural de la Asociación Nacional Cultural de Preservación del Patrimonio Bantu (ACBANTU), en la actualidad, en la esfera nacional, es coordinador nacional de comunicación cultural de la Asociación Nacional Cultural de Preservación del Patrimonio Bantu (ACBANTU) Por lo tanto, el profesor es un representante auténtico del movimiento negro de terreiro, poseedor de una larga experiencia en el Área de Educación con trabajos relacionados a la diversidad étnico-racial.

DoCEntes: Quem é Luiz Leno Silva de Farias?

Luiz Leno Silva de Farias: Chamo-me Luiz Leno Silva de Farias. Esse é o nome de branco. Vou falar dessa formação branca e acadêmica. Sou formado em História, licenciatura plena, com especialização em cultura afro-indígena. Trabalho com arte educação. Eu trabalho com o meu conhecimento, que absorvi dentro das comunidades tradicionais de matriz africana, do que o povo chama de terreiro. Sou de povos e comunidades tradicionais de terreiro, fazendo parte de um coletivo que se chama, na verdade, coletivo cultural de matriz africana em Ibilé. Fui representante do estado do Ceará no Conselho Nacional de Cultura de expressões culturais afro-brasileiras. Sou membro do Conselho Estadual de Igualdade Racial, coordenador Estadual da Associação Cultural e Preservação do Patrimônio – Bantu, que é uma

entidade nacional que tem assento no Conselho Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT).

Eu sou de terreiro, chamo-me Ogan Otun Alabê e estou na quinta geração de terreiro da minha família, sendo filho de uma senhora que se chama Zimar. Mãe Zimar é mestra da cultura do estado do Ceará. É de Catimbó de terreiro e lá, ela está como cultura tradicional, saúde. Esse conhecimento dela, empírico, que é o conhecimento que ela recebeu dos ancestrais, desde o nosso tataravô, chamado Gastão. Então, tem a mamãe, tem eu, têm meus filhos, têm alguns tios, tem a família. Enfim, nossa família está nessa trajetória há um longo tempo.

Dentro dessa concepção da cosmologia de matriz africana, a sua mãe lhe concede a vida e o emir o sopro divino. Deus dá e ela lhe gera a partir da fecundação gerada dentro da força de Exu- do movimento de

Exu- de uma esfera e a concepção do útero materno que é Oxu. Então, sua mãe se torna um viveiro, vivifica a água da vida. Ela produz a água da vida e a gente não pode receber dela mais do que isso, que é a vida. Ela é a nossa incubadora, a nossa ancestral, nossa Agbá. E aí temos que procurar dentro dos nossos caminhos, chamado Odum, uma liderança, uma pessoa que vai cuidar da sua senhoria, da sua cabeça e do seu ancestral místico e mítico. Então, consegui uma casa que chama Ilê Axé Omin. Fica no Nordeste, Amaralina na Rua Alto da Alegria, nome sugestivo: Alto da Alegria no Coqueiral em Salvador-Bahia.

Minha mãe de santo se chama Edenis Amorim. Ela é filha espiritual de dona Menininha, Então meu axé cantua e eu com meus irmãos demos um presente para nossa mãe, porque ela sempre quis ver todos filhos de macumbeiro,

como diz o povo pejorativamente. Mas ela queria todos formados. Meu irmão mais velho é formado em Educação Física, com especialização em artes marciais, porque queria falar sobre capoeira. A minha irmã é advogada e eu conto história e, dentro dessa perspectiva, em 1994, eu aprendi a tocar percussão. Dentro do terreiro, eu toco desde os 13 anos. Hoje, estou com 48 anos e o terreiro me proporcionou muita coisa, além do conhecimento pessoal; as relações sociais e as condições de extrapolar limites, Um grupo de Ogans, em 1994, reuniu-se para construir um afoxé e este se chamava Orin Orun, cantando para o céu é muito mais que, apenas, um afoxé, pois se pensou na perspectiva de repassar conhecimento. Qual é o melhor lugar para se fazer isso? Uma escola, ao lado do candomblé, que fica na Rua da Conceição, no Planalto Cidade Nova, Novo Maracanaú, cujo nome do Candomblé é Ibe Axé Abá Olá e, ao lado, tinha uma escola de ensino do estadual.

Nós tínhamos muitos tambores. Então, pensamos assim: precisamos ensinar o povo a tocar. Por que como é que a gente vai montar um bloco sem o povo saber tocar? Qual o melhor lugar para fazer isso? Pegando a molecada da escola. Essa escola absorvia, nessa época, o pessoal do Pantanal. Isto foi bem próximo daquela chacina ocorrida no Pantanal. O Pantanal, posteriormente, mudou de nome para Planalto Ayrton Senna, era extremamente perigoso. A gente tinha um total de 40 alunos fazendo percussão conosco. A escola nos absorveu de braços abertos. Foi

muito massa e por que parou? Por conta da chacina, o pessoal ficou com medo e passou um bom tempo nesse processo. Com o decorrer dos anos, entrei nessa área de trabalhar com percussão e, em 2003, recebi um convite para trabalhar na equipe de rua da Prefeitura de Fortaleza, que fazia um trabalho na casa da Criança. Esse trabalho foi de arte educação junto a equipe com as crianças que estavam em situação de rua, começando a trabalhar percussão e, posteriormente, fiz o curso do conservatório Alberto Nepomuceno. Os cursos eram ligados a prefeitura. Conheci dois grandes Maestros, Rogerio e Márcio, esse último já vinha trabalhando com Arte Educação. Trabalhei com dez cidades, no interior do estado do Ceará, em núcleos de arte ou escolas com arte educação. Por ser de terreiro e ser também uma pessoa de militância, consegui agregar diálogo com outras forças. A princípio, eu tinha uma relação muito próxima com o movimento negro que, no decorrer da luta, desvinculou-se do movimento de terreiro. Hoje, o movimento de terreiro é específico, enquanto o movimento negro é outro. Todos eles com bandeiras que têm similitudes, mas cada um com caminhos diferentes. No entanto, abre-se o diálogo com o fórum da Educação. E, posteriormente, com o Museu do Ceará, foi feita uma publicação, o que proporcionou chegarmos à Secretaria de Educação, iniciando um trabalho específico com a Lei 10.639. Conseguimos agregar vários professores que eram do terreiro e já tinham um trabalho iniciado nas escolas e apresentamos à Secretaria de Educação. Começamos a fazer

uma formação para mais de dois mil professores. Continuamos, então, essa luta.

Há cinco anos formamos um núcleo em formato de coletivo, porque ninguém é dono de nada e o negócio é bom quando é para todo mundo. Esse coletivo chamou-se de Coletivo Cultural de Matriz Africana Ibilé que também tem muitos professores. Então, acreditamos que a educação a partir de vieses dentro dos movimentos sociais, principalmente no que concerne à perspectiva de pedagogia dentro do terreiro, as nossas propostas é o que induz ao diálogo e fomenta a educação como um todo.

DoCEntes: Nesse sentido o que é identidade?

Luiz Leno Silva de Farias: Existem duas perspectivas: uma como você se reconhece no meio que lhe cerca, isso falando dentro de um viés de matriz africana e a escola, então, absorve; como eu me reconheço no meio onde eu estou localizado. Vamos fazer um questionamento: Quem pergunta sou eu. Qual a cor da escola cearense? Que escola é essa? Qual é a cor dessa Educação? Tem um professor, na Escola Estado do Amazonas, que se chama Linocleo Martins. Ele foi uma das pessoas que ajudou a provocar a Secretaria de Educação sobre ações referentes à lei 10.639. Homem negro de terreiro, professor de língua portuguesa e inglesa, pedagogo, foi ele quem fez o questionário e conseguiu chegar à direção da escola através do processo eleitoral que acontece lá dentro. Ele ficou como diretor e

coordenador. Foi ele, então, quem colocou o questionário para todos os alunos. Qual a sua cor? E aí não para surpresa dele, mas sim dos outros profissionais de educação que lá estavam, inclusive da direção da escola, quanto a respostas do aluno de que a escola não é branca. A escola é multicolor. E aí se começou a questionar de como “eu me percebo naquele ambiente”: um ambiente social. A partir daí, surgiu um momento de diálogo com os alunos, tal como o de se perceber a cor dessa escola e o diálogo que ela tem que ter com essa percepção sócio-cultural. Isso é o que fomenta uma identidade. Nos colocamos dentro das comunidades tradicionais que hoje transcende a questão da melanina. A minha identidade é uma identidade ancestral, uma identidade preestabelecida e suposta de uma descendência africana em que os meus ancestrais são vivificados, através de relações sociais, culturais, dialéticas e estéticas. A percepção de identidade é um reconhecimento, um autorreconhecimento, um acolhimento por parte daquela comunidade tradicional de matriz africana e mais do que nunca, o conhecimento de que essa ancestralidade fomentou a identidade do povo brasileiro.

DoCEntes: Qual é a relevância da construção da identidade na educação e no ensino?

Luiz Leno Silva de Farias: Como é que eu vou pegar uma criança, um jovem, um adulto dizer para ele que é necessário que esteja dentro de quatro paredes, num período extremamente longo, inclusive na

vida de quem precisa trabalhar para se manter. Eu estou falando de tenra idade. Você sabe que no nosso país, infelizmente, crianças e jovens têm que ajudar na renda e eu não torno “aquilo” atrativo. A rua é atrativa, a rua como um todo é atrativa, a escola não é. Como faço para fazer com que essa escola se torne atrativa? Eu preciso dialogar, preciso saber quais são as construções culturais e identitárias do meu público-alvo, como também preciso saber o que é e qual o costume alimentar do público daquela região. Cada escola é um micromundo numa macro percepção de Estado. Por exemplo, o nosso candomblé está sendo construído com a minha esposa Rivelane à frente, que está botando candomblé na Boa Vista do Serpa, em Aquiraz. Você sabe qual é a única ação social concreta do estado lá? Uma escola. A escola serve para festa. A escola serve para reunião. A escola serve. Portanto, ela não serve só para educar. Eu não sei se estou conseguindo me impor. Lá no interior, na região rural do Aquiraz, se come macaxeira. O menino come teiú, galinha de quintal. Então, ele tem uma cultura alimentar diferenciada do menino que mora em Fortaleza que gosta de recheado. Então, esse micromundo tem que ser avaliado. Você me pergunta sobre a questão da identidade na percepção da educação; como é que eu vou construir uma proposta pedagógica, se eu não consigo entender o mundo que me cerca, o entorno da minha escola? A minha escola, ela não pode ser apenas um espaço físico fechado entre quatro paredes. A minha escola tem que ser tão

atrativa quanto à rua e quando eu falo rua, falo como um todo. Acho que se percebe que é metafórico. Então, veja só a perspectiva de construção de identidade dentro da escola passa, perpassa, costura a partir da relação sociocultural econômica do objeto, do cliente daquele produto, o cliente do produto escola. Educação faz parte da comunidade. Por isso, não posso falar de identidade dentro de construções de uma proposta pedagógica, se eu não entender as relações sociais, culturais, econômicas e ancestrais, por exemplo, dentro de uma comunidade como essa, tem terreiro, tem comunidade indígena, tem negro, agricultor familiar, tem evangélico, tem cristão popular, tem ateu, tem gente à toa, tem tudo.

DoCEntes: A escola sendo um organismo macro de ação por parte do Estado, como você considera esses aspectos identitários na construção de um projeto político pedagógico?

Luiz Leno Silva de Farias: Deixa eu ver se consigo ser suscito como todo professor de História. Preciso primeiramente fazer uma construção circular. Tenho que ter um núcleo que são as bases educacionais, o que toda escola realmente tem que aplicar, mas isso tem que descentralizar, dialogar e construir uma teia, mais ou menos como se fosse uma mandala, porque se eu estou aqui com um professor de Biologia, esse professor tem que dialogar com um professor de História, com professor de Arte Educação dentro da escola, inclusive com a

merendeira. E essas conversas, esses diálogos têm que ser multiformes, tem que ser multicolor, tem que ser plural. Enquanto a educação no Brasil não pensar na pluralidade como um todo, inclusive no planejamento da sua proposta pedagógica como micro e como macro, não vamos construir uma educação adequada e atrativa para que aquela criança, aquele jovem, aquele adulto esteja ali inseridos. Do contrário, eles não se sentem acolhidos. Como é que o terreiro acolhe? O terreiro acolhe assim, você chega na nossa casa.

DoCEntes: Seria interessante, nesse momento, quando se fala de acolhimento, você falar sobre esse acolhimento numa perspectiva não simplesmente de boas-vindas, mas de inclusão social.

Luiz Leno Silva de Farias: Veja só, você chega no terreiro, a pessoa que abre a porta, ela joga água na rua. Sabe por que? Para esfriar o caminho que você traz. Às vezes, você vem muito quente da rua, sua perspectiva ancestral. Leno, quer dizer que todo porteiro da escola vai ter que jogar um balde d'água no meio da rua pra todo aluno que passar? Não. Eu digo isso porque quando você chega, na nossa porta, a nossa perspectiva é a seguinte: eu vou lhe receber bem. Primeira coisa é lhe esfriar, esfriar a relação, é deixar você calmo, então é muito estranho a gente chegar na escola e ela está trancada com cadeado e, geralmente, uma pessoa que não participa das reuniões dentro da administração da escola como um todo e o porteiro que não sabe que ele é um porta voz e a primeira

imagem é a que fica, quando o aluno entra naquela escola, então, ser colhido pelo porteiro é muito importante. Entenda, você chega no terreiro, você senta debaixo de uma árvore e a gente diz assim: o senhor quer um café ou quer uma água? O senhor está bem? Como é que você está? Ah, eu vim só conversar com a mãe de santo, bater um papo, vim só ficar sentado debaixo dessa árvore para olhar. A gente traz a água, traz o café e conversa. Você chega na escola, ela é a segunda casa da gente, chega na escola a gente vê os amigos, a gente vê os professores que vêm das suas casas, às vezes cheios de problemas, mas com um sorriso no rosto e que estão a fim de dar aula para molecada. Sabem que vão sair dali com a bateria descarregada, mas com o coração cheio de alegria, porque eles cumpriram o papel deles, que eles se propuseram a fazer. Pois ser professor no Brasil é só com muito amor. Tem que pagar salário. Tem que pagar salário e muito bem pago. Mas entenda, esse acolhimento também passa por isso. O cafezinho, o almoço é o rango para quebrar o gelo que para maioria dessas crianças, a comida é o alimento. Não tem a primeira refeição, aí vem um doido dizer que vai mandar a galera estudar pela internet, com videoaula, pobre é para morrer de fome. Isso porque a escola proporciona a primeira, a segunda e, talvez, a terceira alimentação do dia. Se for tempo integral o menino sai gordo. Mas vamos continuando, aí a pessoa, a mãe de santo, vem senta e conversa. A mãe de santo seria a forma como o professor chega na sala de aula: Oi meu filho, bom dia,

como você está? Essa relação de acolhimento é importante, ela entende das matrizes africanas. Mas você chega para discutir com ela sobre a sua relação social, o seu problema no seu trabalho, que você "está afim" de desabafar com alguém. Ela é psicóloga? Não, mas é uma pessoa que vai dialogar com você sobre outros assuntos e vai acolher e o professor cumpre essa função. Esse é um comparativo do terreiro que, às vezes, você como professor, você sabe disso. Muitos alunos chegam para você e falam: professor estou com problema pessoal, precisando conversar. Você é psicólogo? Não, você é um cara maduro, um cara que estudou, portanto, é referência daquela pessoa, quando aquela pessoa que lhe procura e você é referência, ele vê você sempre sorrindo, você tratando bem e confia.

DoCEntes: Tem, portanto, uma relação de confiança?

Luiz Leno Silva de Farias: Entender o papel da escola nesse processo. Agora quando a gente vê uma proposta curricular em que distancia o professor do que lhe é mais afetivo, no caso, que é o aluno, apenas para chegar e dar aula e sair correndo para outra sala, ele não produz nada mais do que uma máquina. Pois, se botar uma televisão ali, talvez cumpra o mesmo papel.

DoCEntes: Teria que ter, na escola, uma gestão das relações entre as pessoas?

Luiz Leno Silva de Farias: A educação é muito mais do que, apenas, a formação cidadã. É uma relação, uma formação de conhecimento. É uma relação de formação de cidadania dentro de uma perspectiva de acolhimento em um espaço que tem que ser atrativo e que comungue com a diversidade social, cultural e étnica que o cerca.

DoCEntes: Aproveitando esse momento que você trata da relação da escola, nesse processo de construção da identidade, vemos que o racismo faz parte da formação histórica desse país. Portanto, nesse sentido, no Brasil e no Ceará, tratar sobre racismo é falar do quê, afinal?

Luiz Leno Silva de Farias: É falar de dor, é falar de sofrimento, é falar de angústia. Eu queria que a pessoa que tivesse vendo, nesse momento, ou lendo esse artigo ou escutando essas palavras, eu não sei, talvez tenha um material para quem não enxerga, pra quem não consegue escutar, não enxerga com os olhos, não enxerga com os ouvidos e com as mãos. Vamos falar sobre racismo. É doloroso, pois a escola, muitas vezes, contribui para isso, quando a direção e o corpo docente da escola não estão preparados para tal, como o tal do bullying. Que nada, mas é que a chacota acontece dentro da escola. Eu entendo, você mora no Bom Jardim, ou melhor, você mora em Águas Belas perto do interior de Pindoretama e você estuda numa escola estadual, você é negro, você é de terreiro e todos os estigmas que foram construídos, a partir de uma proposta de que o negro não tinha cultura, não tinha alma, tinha que ser

subserviente. Ele era um subproduto que poderia ser utilizado de qualquer forma e de qualquer jeito, ou seja, um jumento tinha mais utilidade do que um negro e isso tudo está entranhado dentro de uma sociedade machista, homofóbica, xenofóbica, racista. Mas, nós temos nada mais visto e mais posto do que essa eleição de 2018, em que todas as doenças sociais, todos os preconceitos vieram à tona e a gente percebe isso no estado do Ceará, no Brasil como um todo. Entendo o sofrimento da criança negra que amanhece o dia e a mãe tem que pentear o cabelo dessa criança, tentando esticar o máximo possível para não ser chacoteada. O pai e a mãe dessa criança passam o dia todo dizendo que ela é linda e maravilhosa, mas quando ela chega na escola é tratada por neguinha e se essa pessoa é de terreiro e chega na escola, ela é chamada de macumbeira, os meus irmãos sofreram isso: Olha os filhos da macumbeira! É um processo doloroso, o racismo enfraquece e, então, eu falo dos vários racismos: o racismo com índio por ser tratado como uma pessoa animalesca, selvagem, sem cultura, preguiçosa e com cigano não é diferente, tipo lá vem um cigano, guarda as coisas, ele vai te roubar. O povo de terreiro, nessa perspectiva, não chega nem perto, que o negócio deles é “coisa do diabo” ou mesmo com a pessoa negra. Esse racismo, como o racismo institucionalizado, não só dentro da perspectiva de construção de formação do povo brasileiro, mas que perpassa a condição apenas pessoal e chega a se institucionalizar dentro da máquina

pública e chega, portanto, na escola e passa por algo comum.

DoCEntes: E como a escola reproduz esse preconceito?

Luiz Leno Silva de Farias: Por exemplo, o professor escuta aquilo e diz ao menino: Deixa disso menino, para com isso e “esse para com isso” é muito pouco, pois aquele momento de reflexão, de debate dentro da sala de aula, sobre as diferenças, todas elas desde a questão de gênero e eu não estou falando de kit gay porque isso não existe. Eu estou falando de gêneros em relação à percepção de situação social da escola pública. Veja só, você tem pessoas, no interior do Estado, com a situação social um pouco mais elevada. Como essas escolas técnicas que absorvem todo mundo e o ensino é maravilhoso, gente de classe média está botando o menino lá, porque sabe que é bom. Aí você pega esse menino de classe média e outro que é extremamente pobre, mas estão todos na mesma escola, então, essa discussão tem que vir à tona dentro da sala de aula. Essa dor é uma dor que você carrega para o resto da vida, pois ela vira doença, doença e você sabe o porquê? Porque essa doença é crônica e ela vai aumentando, se você não conseguir tratar e o único tratamento chama respeito. Esse respeito tem que estar dentro de casa, ele tem que estar na rua e, principalmente, na escola que é o lugar onde você passa muito tempo, tanto quanto o que você passa na sua casa. Talvez, você passe mais tempo da sua vida dentro da escola do que dentro de casa.

DoCEntes: E qual o desafio para desconstruir o racismo nas relações sociais brasileiras?

Luiz Leno Silva de Farias: Tem que dar formação ao profissional que se encontra dentro da escola. Não estou falando de sala de aula somente. Estou falando de escola como todo, do porteiro, da merendeira etc. Estou falando de formação, explicar pra eles o que é diferença.

DoCEntes: Como seria esse percurso envolvendo todos da escola?

Luiz Leno Silva de Farias: As relações étnico-raciais têm que ser entendidas e compreendidas em toda sua amplitude. Por que elas têm que existir? Por que elas são importantes e quais os fatores que vão gerar, se elas forem bem executadas? Você lembra do momento que eu falei sobre acolhimento? Entenda que se você tiver um porteiro preconceituoso, racista e se chegar uma menina loira dos olhos azuis, ele vai abrir o portão. Ele vai deixar entrar e não vai falar nada. Digamos que chegue um filho de um cigano que tem uma proposta de montar ranchos nas proximidades da escola e se desloquem com muita frequência. Então, essa criança está sempre mudando de escola, porque essa é a cultura dos ciganos, mas aí esse cigano chega com essa menina. Ela vem com trajes de cigana, porque essa é a realidade cultural dela. E aí, o cara diz que é isso aí? Que roupa é essa? Pode entrar aqui assim não! Já é o primeiro embate, do meu pertencimento, é a minha negação, ele vai me negar. Então, começa a

questão étnico- racial assim discutida por ter o deixado fora, excluído. Mas, nós temos alguns vieses de relação de fardamento, você não tem como entrar. Então, você vai à direção da escola e conversa com eles ou diretor vai ao grupo de ciganos. Essa é a relação deles, assim, nesse momento, não pode usar farda, pois eles estão no processo de funções litúrgicas dentro da cultura deles, vão vestir branco, então, que seja permitida. Esse diálogo que, na maioria das vezes, é esquecido, é o diálogo que tem que começar de quem recebe, no caso, o porteiro, até o momento da saída.

DoCEntes: A escola tem que ter um olhar mais aguçado para saber quem são essas pessoas?

Luiz Leno Silva de Farias: Você resumiu o que eu queria dizer. A comunidade escolar tem que entender a questão da diversidade, de identidade e de pertencimento e m que a escola, como micromundo, absorve, porque a escola não é nada mais do que os pequenos percentuais culturais que estão instalados no seu entorno. A escola recebe tudo e todos desde a informação musical que a criança leva para dentro, essa criança não vai se alimentar naquilo que está sendo proposto dentro da escola se for tabu, Pois, a relação de pertencimento étnico-racial e a relação de respeito são muito complicadas. Para o cara que ler essa entrevista, ouvir e escutar essa conversa, ele vai dizer assim: esse “cabra é doido”. Como é que a escola sem recurso, que a gente sabe que o recurso é escasso, sem

condições de trabalho e, às vezes, com falta de professores como é que eu vou construir essas relações

DoCEntes: Como inserir a educação das relações étnico-raciais nesse ensino?

Luiz Leno Silva de Farias: Vamos nós, lembra que eu disse a você que a escola não pode ser fechada entre quatro paredes. Há algumas políticas e eu não vou nem falar sobre elas, poderia até entrar aqui no Programa de Aquisição de Alimentos/ PAA, a questão alimentar. Vamos dizer aqui que essa escola esteja em Poranga, que é uma área rural e que tem muitos terreiros, inclusive profissionais da educação dentro tanto do terreiro, como dentro das escolas. E aí, você vai dizer que tem um trabalho com a lei 10.659 que, por sinal, é muito interessante em Poranga. E você se pergunta assim; como é que eu vou fazer? Primeiro, é fazer o diálogo com o seu entorno, eu tenho uma escola, tenho um agricultor familiar e aquela escola tem uma qualidade de alimento diferenciado. Vou discutir com o meu entorno. Você tem um percentual tal e você vai fazer sua venda. Vamos, então dialogar, você pode me mandar pelo menos quatro macaxeiras, para eu colocar no alimento, sei que os meninos gostam. Você produz isso e, assim, vamos dialogar, quando eu for fazer a minha programação alimentar, vou dialogar com quem está no meu entorno.

Existem escolas, você sabe tão bem quanto eu, você trabalhou nisso, você, o Jefrei e o Rosendo, pessoas

que bateram muita perna no interior desse estado do Ceará e escutaram muito. Lembro quando nós tivemos em Ipu para Conferência de Igualdade Racial, você viu o diferencial do alimento que foi produzido naquela cozinha. Então, aquela escola ela tem uma relação com o seu entorno, ela sabe do que se alimenta, ela constitui uma perspectiva de alimentar o todo.

DoCentes: Então isso não foge um pouco dos aspectos formais, por exemplo, de uma política ou de uma questão orçamentária. Não competiria à gestão escolar buscar aproximar sua prática à realidade dessas pessoas que são plurais dentro da escola?

Luiz Leno Silva de Farias: Veja só, se eu tenho uma escola e essa está numa área rural, provavelmente os pais dos alunos vão entender de agricultura familiar. Então, vamos dizer que nós partimos para o viés do alimento. Há outros vieses que podemos discutir. Esse do agricultor familiar, ele sabe fazer uma horta e não é possível que com tantas perspectivas de mandalas, de hortas horizontais, verticais, de cabeça pra baixo, de qualquer jeito, não se possa produzir alimento dentro daquela escola e passar conhecimento empírico para aqueles alunos que produzem alimentos. Então, a escola muito mais do que apenas um ambiente de formação tradicional de educação, ela tem que entender que o entorno dela produz, também, educação. Eu tenho um maracatu aqui do meu lado, por exemplo, no João Paulo II tem uma escola estadual, o bairro tem um o maracatu, você se pergunta, como é

que eu faço? Existe um trabalho de Arte Educação dentro da escola, entretanto, a informação que está no entorno, a escola absorveu. Tornou-se atrativa e o conhecimento empírico daquele entorno foi trazido para dentro da escola. Eu tenho verba? Não, mas tenho condições de diálogo e essas pessoas estão predispostas a ajudar na formação, para diminuir a questão da violência e da pobreza, como também diminuir a questão da ociosidade para tornar a escola atrativa. Digo que a escola tem que sair das quatro paredes e se abrir, como, também, digo que essa educação tem que transcender o conhecimento acadêmico. Ela tem que dialogar com os milhares de mestres da cultura, reconhecidos pelo estado do Ceará através da Secretaria de Cultura do Estado. Ela tem programas que dialoga com Secretaria de Educação. Essa educação, hoje, não transcende a carceragem? Transcende. Nós temos um programa junto à Secretaria de Justiça do Estado que vai ofertar educação nos presídios. Esses profissionais, hoje, eles discutem a lei 10.639. Você sabe por que? Porque 64% daquela população são de negros e pardos. Então, eles também têm que chegar lá e falar assim: Por que é que você está aqui? Qual é a relação que você desenvolveu aqui? Você tem que ter uma perspectiva diferenciada, tem que se autovalorizar, tem que se transformar. Vamos discutir as relações étnico-raciais e juntos, dentro de perspectivas diferenciadas de mundo e de cultura, construirmos uma proposta que contemple e tire desse mundo, que ali está exposto, a

carceragem. Como é que eu vou transformar qualquer pessoa? Não existe outro caminho para transformar, só tenho um que é a educação.

DoCentes: Tratar das leis 10.639, de 2003 e 11.645, de 2008, é fazer referência a dois marcos da legislação educacional brasileira, uma vez que tais leis tornaram obrigatório o ensino de História e das Culturas afro-brasileira e indígena. Como é que você analisa a implementação dessas leis na organização curricular da escola?

Luiz Leno Silva de Farias: Com muita dificuldade. Primeiro, não adianta pontuar. Eu não posso, apenas, elaborar uma ação em novembro, eu não posso elaborar uma semana do índio, eu não posso discutir a questão racial em um dia, em uma semana ou em um mês. A efetividade da execução e da implementação dessa lei, somente vai acontecer quando cada professor, de todas as linguagens que estão pressupostas, estabelecidas dentro dos parâmetros curriculares da educação brasileira, entender que o diálogo é contínuo, transversal e que proporciona o engajamento de várias linguagens dentro da sua grade curricular. Aí sim, eu vou implementar essa lei. Como é que o “cara” de Matemática vai discutir a 10.639? Simples, isto quando ele for falar sobre ela, vai falar sobre a construção das pirâmides, sobre os paralelepípedos ou, então, qualquer coisa que tenha um viés que ele possa falar um pouquinho dessa África, dessa cultura, dessa matemática. O “cara” vai falar sobre

as formas de escrita, com certeza, ele vai abordar um pouco dessa África. Ela, nossa educação, é muito eurocêntrica. A nossa educação esquece da formação do povo brasileiro, a nossa educação esquece que nós somos construção de um amálgama.

DoCEntes: Então, assumiríamos um viés afro-africano e afro-indígena e esqueceríamos, portanto, o viés eurocêntrico. Como seria essa construção?

Luiz Leno Silva de Farias: Entenda, em vez de uma pedagogia pautada dentro de uma construção eurocêntrica, a gente não constrói a pedagogia pautada dentro da cultura brasileira? Dentro de uma construção de identidades, das várias identidades, dos vários povos, das várias tradições, das várias informações que construíram e constituem o DNA do povo brasileiro? O meu papel, como professor, é isso, quando eu me coloco. Gostaria de salientar que eu me colocando na terceira pessoa é porque eu me acredito nessa transformação e tenho responsabilidade para o com o meu papel, como professor. Isso, se eu me transformar diuturnamente, eu não posso ser o mesmo, você sabe o porquê? Porque a minha sala de aula, a minha escola, o entorno da minha escola se transforma a cada segundo. As informações das redes sociais, digitais são muito mais rápidas do que a minha fala. E essa minha fala tem que ser convincente, agregadora, conciliadora e deve contemplar todos e todas que estão naquele processo de formação dentro de sala de aula. Então, eu

tenho que ser dinâmico, tenho eu que ser construtor de pluralidade e o Estado tem um papel importantíssimo em relação a isso. Você sabe que o papel do Estado é garantir que eu professor consiga fazer isso. Portanto, ele precisa dar recurso, ele precisa dar formação. Formação continuada, pois eu não posso parar no tempo. O tempo não para como dizia o poeta. Eu não posso parar no tempo, como profissional. O Estado tem que investir na formação de profissionais e entender que a pluralidade e as várias formações constroem o meu papel e o meu saber. Esse saber é que vai gerar dentro de cada aluno, de cada pessoa, que frequenta o meu espaço público que é a escola, a diferença na construção de um país e respeitando as diferenças da construção identitária do povo brasileiro.

DoCEntes: Falamos de uma educação que se organiza a partir de um conhecimento, cuja identidade é eurocêntrica e na necessidade desse conhecimento, ela transcender essa identidade e se tornar um conhecimento plural. Você poderia falar aqui, dessa compreensão do que é esse conhecimento africano e afro-indígena?

Luiz Leno Silva de Farias: Existem várias formações. A academia já construiu vários discursos, inclusive material sobre as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, mas a melhor formação que eu participei até hoje e já participei de várias, como você sabe disso, foi a que a Secretaria de Educação do Estado do Ceará

proporcionou. Nós passamos dois anos fazendo formações. Não lembro bem.

DoCEntes: Foram realizadas formações em 2013, 2014 e 2015, com um total de 2.200 profissionais.

Luiz Leno Silva de Farias: Então, nós passamos três anos fazendo formações e com uma plataforma que ainda está funcionando. É a tal da formação continuada.

DoCEntes: E ainda está lá à disposição dos professores.

Luiz Leno Silva de Farias: Então, a primeira coisa que Secretaria de Educação do Estado do Ceará fez, foi fomentar conhecimento. Vocês esbarrotaram as plataformas de conhecimento intelectual acadêmico. Tem texto lá que dá para você ler e fazer mais dez textos sobre o que você leu. O material é grande, mas a Secretaria de Educação do Estado Ceará não esqueceu do principal, que é o conhecimento empírico das comunidades tradicionais, indígenas, de terreiro e Quilombola. Tanto é que, hoje, a comunidade indígena tem uma proposta de educação e pedagogia própria. Os quilombolas estão construindo e a gente ainda está engatinhando, porque nosso diálogo é mais complicado. São vários povos, várias vertentes, vários diálogos. Mas de qualquer forma, a Secretaria de Educação não esqueceu esse conhecimento empírico e se você for entender como é que isso vai refletir na construção do profissional, na sala de aula, isso vai refletir da seguinte

forma: ele vai compreender a informação acadêmica constituída e instalada, lida e absorvida e vivificada dentro do diálogo daquele conhecimento empírico, daquele conhecimento ancestral, daquele conhecimento vivificado dentro das comunidades tradicionais. Daí, então, ele, o professor, pode dialogar com mais propriedade dentro da sala de aula e dar continuidade a essas formações, porque depois que ele passa por todo esse processo, ele se apaixonou.

DoCentes: Você sempre toca nessa parte da ancestralidade, como um componente da cosmovisão de muitas culturas, não só africanas, mas asiáticas e, também, nativas da América. O que seria essa ancestralidade? Qual o papel que ela tem e a função que desempenha nesse arcabouço de conhecimento?

Luiz Leno Silva de Farias: O ancestral do dono da terra é o Pajé. É quem preside as reuniões, ele passa conhecimento e é o mais velho. O ancestral dentro da minha etnia, que sou ébalaque e o alagbá, aquele que repassa conhecimento. O ancestral do branco é o Platão que repassa conhecimento que vai para dentro academia. E aí, a questão de ancestralidade tem vários vieses de entendimento. Por exemplo, o meu ancestral pode ser uma árvore dentro de uma comunidade quilombola que foi plantada quando eles chegaram, e que é deificado dentro uma perspectiva de existência. Ela pode ser uma pedra, um lajedo na beira de um rio, onde o índio se sentava para pescar é o que o Google Maps dentro do satélite dele fotografa, ele sentado nessa pedra,

pescando e, também, podem ser as relações ancestrais dos meus primeiros a serem criados no mundo, na África. Quando eu falo sobre isso, sobre essa perspectiva ancestral, eu falo sobre o autoconhecimento, que é primordial para a execução de qualquer ação. Eu só vou saber para onde eu vou, como vou caminhar, aonde eu vou chegar, se eu me lembrar de onde é que eu venho. Isso é básico. Eu vivifico os meus ancestrais todos os dias, quando eu boto pé no chão, eu saúdo o sol, saúdo a terra, saúdo o primeiro homem, a primeira mulher a ser criada dentro da minha tradição. O índio também o faz, quando bota o seu cocar, quando balança o seu ganzá e o seu Maraca e vocês que trazem a educação no viés eurocêntrico. O ancestral de vocês é vivificado todo dia, quando você bota o pé dentro da sala de aula e repassa aquele conhecimento, isso é ancestralidade. O grande desafio, hoje, para educação é entender e fazer valer as várias ancestralidades instaladas no Brasil, os vários diálogos, às várias percepções de mundo, às várias cosmovisões, os vários mundos, os cosmos inseridos dentro do Cosmo que é a escola.

DoCentes: Qual a significância desse conhecimento para construção das relações sociais, no Brasil e no Ceará, e seria com qual perspectiva, considerando essa linha de pensamento da qual você fala sobre a questão da educação em relação à pluralidade e diversidade cultural?

Luiz Leno Silva de Faria: Como é que eu vou chegar soberbo do meu conhecimento dentro de uma sala de aula, sabendo que todas aquelas pessoas que estão ali têm tanto conhecimento quanto eu. A soberba de qualquer profissional, de qualquer pessoa, de qualquer ser, é o que desvalia a qualidade do seu discurso, da sua presença, do seu ser. Então, eu como profissional de educação, não posso ser soberbo e ser dono da verdade. Não existe verdade absoluta, toda verdade absoluta corrompe absolutamente. Peguei metade de uma metade de outro, mas deu certo. Entenda, se eu como profissional de educação que tem uma formação diuturna, que todo dia a gente lê, todo dia a gente vai atrás de um livro, de um texto. Agora, com essas redes sociais têm biblioteca até dar uma dor, a gente baixa esses ipads, não sei o que lá, enfim os ipads da vida. A gente baixa para ler o livro, pronto tem informação, mas eu não posso esquecer que aquele menino também tem uma informação para me dar e que ele vai contribuir quando eu tiver falando sobre célula e esse menino começar a conversar comigo sobre a percepção dele do que é uma célula, em algum momento, a informação que vem dali vai construir o meu discurso para um outro momento. Por exemplo, daqui a dez anos, eu então vou dizer: Olha meu aluno, ele disse que célula era isso e a gente discutiu sobre isso e se eu acho que ele, nesse momento, está certo nisso, eu estou certo nisso, é a percepção disso que provoca outro conhecimento. Eu vou aprender novamente, então.

DoCentes: Mesmo entendendo que esse conhecimento dentro da escola, que é um saber formal e científico, isso não foge dessa formalidade e, tampouco, dessa cientificidade?

Luiz Leno Silva de Farias: Não, foge não, pelo contrário, melhora o discurso, provoca diálogo. Eu não posso estar dentro da sala de aula engessado, se eu botar aquele menino sentado, sem produzir fala, eu não posso colocar aquela pessoa que está na educação comigo construindo conhecimento. Essa pessoa que ali está não pode estar engessada. Tem que expor seus pensamentos e a partir desse pensamento, a gente dialogar e a partir desse diálogo construir juntos. Torno a trazer o discurso do começo dessa conversa, a escola tem que se tornar atrativa, a rua é mais atrativa do que a escola, na rua todo mundo tem fala.

DoCentes: Esse seria um avanço e, ao mesmo tempo, um desafio para educação das relações na prática docente, fazendo com que esse discurso fale mais sobre como tornar a escola atrativa?

Luiz Leno Silva de Farias: É a escola tem que se tornar a cada dia muito mais atrativa. E olha que a disputa dela não é fácil não. YouTube é atrativo, facebook é atrativo, o pai do conhecimento agora se chama Google e o professor, ele tem que estar, constantemente, rebolando para fazer com que aquela sala de aula, seja agora um espaço acolhedor, aconchegante, amoroso e a direção da escola tem que perceber que essas mudanças são necessárias.

DoCentes: O que seria um currículo para diversidade étnico-racial?

Luiz Leno Silva de Farias: Um currículo que contemple todas as diferenças. Aí, como é que você vai construir esse currículo, não sou eu quem vai dizer. Quem vai dizer é a própria escola, a primeira pergunta é para quem for proporcionar um currículo para uma escola. A segunda pergunta, é de que cor é a escola? Você não pode construir um currículo escolar, sem perguntar que cor é a minha escola.

DoCentes: Então, você concorda que o aspecto ético-racial é relevante numa proposta da Educação de qualquer escola?

Luiz Leno Silva de Farias: É relevante. Sempre foi relevante, mas nunca foi perceptível, porque nunca foi colocado em questão, essa perspectiva, mas que agora tem que ser vislumbrada, pois sem ela, a escola não vai caminhar. Entenda, eu não posso montar um currículo para cada escola sem entender ou conhecer todas as diferenças que estão dentro da escola.

DoCentes: Qual a mensagem que você deixaria aqui para os educadores do Ceará?

Luiz Leno Silva de Farias: Isso não é só para o professor, mas para nós povos tradicionais como todo. Professor, você quer entender o que é povo tradicional? Procure o decreto 6.040, de 2007. Nós povos tradicionais, assim como todos, temos uma missão: que é fazer com

que vocês não esmoreçam na perspectiva de construção de diversidade, de equidade dentro das escolas. É hora de vocês profissionais que estão na ponta, construindo o povo brasileiro que vai daqui a 20 anos, nos reconhecer. Nós não pedimos a vocês, nós não perturbamos vocês, nós não dissemos a vocês que nós existimos. Daqui a 20 anos, nós vamos mais existir, sabe por que? Porque se não houver um trabalho na escola do profissional de educação, dizendo que todos têm que respeitar a diversidade, a equidade e as diferenças, essa escola vai produzir pessoas que não vão respeitar sequer a calçada da rua do vizinho. Vão jogar lixo lá e quem dirá na comunidade indígena, no povo de terreiro, na comunidade quilombola e no povo cigano que estão inseridos no sertão do Ceará. Então, por favor não esmoreçam, vamos para à luta, não pare de lutar, porque essa luta não é só nossa, vocês são artífices e pessoas que estão conosco, nessa batalha, nessa luta diária pela boa construção da identidade do povo brasileiro. Muito obrigado pela oportunidade.